

Cidades



FOTOS: RODRIGO GAVINI/AT

MORADORES DE RUA se acomodam em praças, ruas, e improvisam proteção para o sol e a chuva, mas não estão livres da violência. Alguns dizem que bebem para suportar as dificuldades

Mais de 1.000 moram nas ruas

Levantamento da Grande Vitória foi feito pelo Movimento Nacional de População de Rua. Muitos recusam ir para abrigos

Giordany Bossato

O número de moradores de rua na Grande Vitória já é superior a mil. De acordo com a coordenadora do Movimento Nacional de População de Rua no Espírito Santo, Rosângela Cândido Nascimento, somente em Vitória são cerca de 600 pessoas que vivem em ruas e praças.

“Além do preconceito, essas pessoas estão sujeitas à violência física”, diz Rosângela Nascimento, ressaltando que desde fevereiro 21 moradores de rua na Grande Vitória foram assassinados.

A coordenadora também alegou que o poder público não oferece muita ajuda a quem vive nessas situações, já que não propiciam saúde, educação e emprego. “Os municípios da Grande Vitória até possuem projetos públicos, mas, em sua maioria, são insuficientes, já que a demanda é muito grande.”

Segundo ela, alguns albergues fi-

cam tão lotados e as situações são tão precárias, que as pessoas preferem permanecer nas ruas.

A situação dos abrigos públicos foi uma das reclamações de uma moradora de rua que vive com um pequeno grupo de pessoas nas proximidades da praça de Eucalipto, em Maruípe, Vitória.

“Já passei alguns dias no abrigo, mas saí porque lá é muito bagunçado e tem muita confusão”, relatou a moradora de 26 anos que preferiu não dizer o nome.

Em outro ponto de Vitória, próximo ao cruzamento da avenida Paulino Müller com a rua Hermes Curry Carneiro, no bairro Ilha de Santa Maria, em Vitória, havia outro grupo de moradores.

“Aqui a Prefeitura nem passou ainda. Eu só queria uma casa pra morar com meu marido e minha mãe”, disse Marcela Gomes Cunha, de 52 anos, que há sete anos vive pelas ruas.

Para Rosângela Nascimento essas situações são comuns em todo o Estado. “Alguns municípios sequer possuem assistência ao morador de rua, então esses casos são comuns”, observou.

De acordo com as prefeituras da Grande Vitória, não é possível levantar o número total de moradores de rua, já que eles sempre mudam do local em que se abrigam.

DEPOIMENTOS



“Não usamos droga”

“Aqui na rua a gente tem que fazer amizade também para viver. Nós não usamos drogas, só bebemos cachaça para aguentar a dificuldade que é morar na rua.”

Moradora de rua que não quis se identificar



“É muita humilhação”

“Eu queria uma casinha pra morar com a minha mãe e com meu marido. Morar na rua é muita humilhação, é muito sofrimento e sacrifício. Antes eu era cabeleireira, mas a rua me acolheu. A gente tem medo, mas dá um jeito de se virar.”

Marcela Gomes Cunha, 52 anos



“Aqui tem gente boa”

“Morar na rua não é bom, mas aqui tem gente boa. A gente faz amigo, se diverte. Minha família não me queria mais, então saí e vim pra rua há quatro anos.”

Carlos Alberto Alves, 39 anos

Equipes fazem monitoramento

As Prefeituras de Vitória, Serra e Cariacica possuem equipes que fazem o monitoramento dos moradores de rua e oferecem abrigos para eles, porém, nem sempre a oferta é bem recebida. A Prefeitura de Vila Velha também possuía o serviço, mas há pouco mais de um mês o albergue foi fechado enquanto um novo espaço está sendo providenciado.

A principal alegação das prefeituras é a dificuldade de manter as pessoas nos lugares adequados, já que muitos preferem viver nas ruas a respeitar as regras dos abrigos, onde é proibido o uso do álcool e de outras substâncias químicas.

De acordo com Luciana Gatti Constantino, coordenadora de Serviço Especializado em Abordagem Social de Vitória, o trabalho é feito diariamente.

“Temos quatro equipes que trabalham de 8 às 20 horas. Elas abordam os moradores e oferecem os trabalhos que nós temos, mas

nem sempre é fácil, já que existe grande desconfiança por parte desses moradores”, disse Luciana.

Na Serra, o serviço de abordagem e monitoramento é feito 24 horas por dia. “Nós temos uma estratégia de convencimento e sensi-

bilização para que as pessoas saiam das ruas e esse trabalho vem dando certo”, explicou Raffaella Ferreira, gerente de Proteção Especial de Média Complexidade, Wander Rodrigues das Mercês.

Em Cariacica, o sistema de abordagem da prefeitura funciona até as 23 horas com assistentes sociais e psicólogos. “Nós oferecemos oficinas de música, literatura e, em breve, de fotografia, mas nós não podemos exigir que ninguém fique nos abrigos. As pessoas só vão para lá se quiserem”, completou o gerente de Proteção Social Especial de Média Complexidade, Wander Rodrigues das Mercês.

Por meio de nota, a Prefeitura de Vila Velha informou que o trabalho tem foco socioeducativo. No primeiro semestre, enquanto o serviço ainda estava funcionando foram abordadas 686 pessoas em situação de rua. A nota reforçava que, a prefeitura não pode obrigar o cidadão a sair das ruas, pois não tem poder de polícia.

OS NÚMEROS

732

moradores foram abordados em Vitória até agosto

60

é a média de abordagens por mês na Serra

70

é a média de abordagens por mês em Cariacica



COM COLCHÃO na calçada, moradora dorme na praça de Eucalipto, Vitória